

ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS DE HISTÓRIA

3

2ª
SÉRIE



Ensino Médio

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO



/SeeducRJ



/seeducrj



/seeducurio

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Educação

Comte Bittencourt
Secretário de Estado de Educação

Andrea Marinho de Souza Franco
Subsecretária de Gestão de Ensino

Elizângela Lima
Superintendente Pedagógica

Maria Claudia Chantre
Coordenadoria de Áreas do Conhecimento

Assistentes

Cátia Batista Raimundo
Carla Lopes
Roberto Farias

Texto e conteúdo

Prof.^a Carla Machado Lopes
C.E. Rodrigo Otávio Filho (Brasil-Itália)
Prof. Enoque Cristian Ribeiro
C.E. Jornalista Rodolfo Fernandes
Prof. Guilherme José Motta Faria
C.E. Hispano Brasileiro João Cabral de Melo Neto
Prof. Leonardo Jorge Azevedo Ramos
C.E Professor José Accioli
Prof.^a. Márcia Teixeira Pinto
C.E. Professora Luiza Marinho

Capa

Luciano Cunha

Revisão de texto

Prof^a Andreia Cristina Jacurú Belletti

Prof^a Andreza Amorim de Oliveira Pacheco.

Prof^a Cristiane Ramos da Costa

Prof^a Deolinda da Paz Gadelha

Prof^a Elizabete Costa Malheiros

Prof^a Karla Menezes Lopes Niels

Prof^a Kassia Fernandes da Cunha

Prof Marcos Giacometti

Prof Mário Matias de Andrade Júnior

Prof Paulo Roberto Ferrari Freitas

Prof^a Regina Simões Alves

Prof Sammy Cardozo Dias

Prof Thiago Serpa Gomes da Rocha

Esse documento é uma curadoria de materiais que estão disponíveis na internet, somados à experiência autoral dos professores, sob a intenção de sistematizar conteúdos na forma de uma orientação de estudos.

© 2021 - Secretaria de Estado de Educação. Todos os direitos reservados.

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Orientações de Estudos para HISTÓRIA

3º Bimestre de 2020 – 2ª série do Ensino Médio Regular .

Meta:

- Compreender as transformações econômicas, políticas e sociais vividas na Europa e na África durante o século XIX .

Objetivos:

Ao final desta Orientação de Estudo, você deverá ser capaz de:

- Comparar as diversas doutrinas sociais no século XIX.
- Reconhecer o impacto da política imperialista no continente africano.

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Sumário:

1. Introdução	06
2. Aula 1 – Teorias sociais do século XIX	06
3. Aula 2 – A comuna de Paris	10
4. Aula 3 – Imperialismo no continente africano	11
5. Aula 4 - A resistência africana ao imperialismo europeu	14
6. Aula 5 – Atividades	15
7. Resumo	18
8. Considerações finais	19
9. Referências bibliográficas	19

1. Introdução

O estudo da História é fundamental para entendermos nosso lugar no mundo. Nosso lugar como agente transformador da nossa sociedade. Quando conhecemos a História somos capazes de entender melhor nosso presente e projetarmos nosso futuro. Os acontecimentos históricos estão entrelaçados e repercutem uns nos outros. Não há um fato isolado na História.

Trataremos de um importante período da história que ficou conhecido como Revolução Industrial e que promoveu mudanças na forma de pensar as relações de trabalho e a vida em sociedade. Também estudaremos algumas teorias do pensamento político e econômico do século XIX e o imperialismo sobre o continente Africano no final do século XIX.

2. Aula 1 – Teorias sociais do século XIX

Caro aluno, a partir da segunda metade do século XVIII, com a primeira revolução industrial, ocorreram grandes mudanças na sociedade europeia. Os céus dos grandes centros industriais começaram a cobrir-se de fumaça despejada pelas chaminés de fábricas que se multiplicavam em ritmo acelerado. Com a modernização da agricultura, milhares de famílias migram do campo para as cidades em busca de trabalho. A cidade acenava a todos com a possibilidade de maior liberdade, proteção e ocupação e melhores ganhos, embora, para muitos, tais promessas não chegavam a cumprir-se. Diante dessa situação contraditória, muitos provavelmente se perguntavam: “E se fosse diferente?” Alguns pensadores e políticos, não satisfeitos em apenas questionar, passaram a elaborar propostas de uma nova organização social.

Foi nesse ambiente de reflexão e questionamentos que surgiram ideias com o objetivo de acabar com as injustiças e as desigualdades sociais, entre outros problemas que afetavam a sociedade industrial europeia. Alguns intelectuais do período apresentaram algumas propostas:

- **Saint-Simon** (1760-1825) foi um teórico francês que dividia a sociedade entre produtores (industriais, operários, artistas, intelectuais e banqueiros) e

ociosos (nobres e clérigos). Propunha que o poder político fosse exercido pelos produtores mais eficazes e insistia na solidariedade social.

- **Robert Owen** (1771-1859) foi um industrial galês que defendia a criação de cooperativas de produtores e consumidores e a educação de todo o povo. Adotou em sua fábrica medidas que melhoraram as condições de trabalho e salubridade, como a redução da jornada, a assistência aos operários e suas famílias e a criação de cooperativas de consumo para os trabalhadores.

- **Charles Fourier** (1772-1837) foi um crítico social francês que propôs a criação dos falanstérios, comunidades autônomas e autossuficientes onde as pessoas viveriam de forma cooperativa e cada um trabalharia de acordo com sua capacidade.



Henri de Saint-Simon.



Robert Owen.



Charles Fourier

Fonte: <https://conhecimentocientifico.r7.com/socialismo-utopico/>

Saint-Simon, Owen e Fourier foram chamados de **socialistas utópicos** por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), porque eles criticavam a sociedade capitalista, mas não apresentavam propostas concretas para superá-la. Apesar disso, o diagnóstico crítico que os primeiros socialistas fizeram dos limites da democracia, implementada com as revoluções liberais dos séculos XVIII e XIX foi muito importante para construir um novo conjunto de teorias sociais e políticas.



Marx e Engels

Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-o-primeiro-encontro-desastroso-de-karl-marx-e-friedrich-engels.phtml>

Opondo-se aos socialistas utópicos, **Marx e Engels** elaboraram uma teoria que chamaram de **socialismo científico**, por considerarem que faziam uma análise científica do capitalismo e propunham um caminho concreto para superá-lo. Segundo a teoria marxista, existe uma permanente **luta de classes** na sociedade, responsável por mover a história. Em meados do século XIX, essa luta se manifestava no conflito entre a **burguesia e o proletariado**. Marx observou que, no capitalismo, a burguesia detinha todos os meios de produção e os trabalhadores vendiam sua força de trabalho em troca de um salário. Porém, o salário era sempre menor do que a riqueza gerada pelo trabalhador. Essa diferença foi denominada por Marx de **mais-valia**, que era a base da acumulação promovida pelo sistema capitalista. Você aluno pode estar se perguntando: como seria possível transformar essa situação?

Marx e Engels responderiam que os trabalhadores deveriam, por meio de uma revolução, tomar o poder, se apropriar dos meios de produção e instituir a ditadura do proletariado. O Estado deveria ser governado pelos trabalhadores e durar até que todas as classes sociais desaparecessem, para, enfim, chegar-se ao comunismo. Marx e Engels também procuraram colocar suas teorias em

prática, participando de manifestações operárias e da criação da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), em Londres, em 1864. Suas ideias, sintetizadas principalmente na obra **Manifesto do Partido Comunista**, publicada no fervor revolucionário de 1848, também serviram de base para o movimento operário de outros países.



Fonte: <https://uniaoanarquista.wordpress.com/2013/11/27/o-que-e-anarquismo/>

Muitas pessoas associam as palavras “anarquia”, “anarquismo” e “anarquista” à desordem ou ao caos, porém esse não era o sentido que os anarquistas davam às suas ideias.

O **anarquismo** não pode ser compreendido como uma corrente teórica única, pois teve diversas características e formas de atuação. No entanto, as ideias anarquistas tinham pontos centrais em comum. De modo geral, os anarquistas combatiam qualquer forma de dominação política, religiosa e social. Para os anarquistas, o Estado é o criador das desigualdades sociais. Por isso,

eles não concordavam com a tese de Marx de que os trabalhadores devem tomar o poder e instituir a ditadura do proletariado. Para eles, o Estado deve ser extinto e substituído por formas de organização cooperativas e baseadas na autogestão. Os anarquistas também opunham-se aos partidos políticos e à atuação eleitoral. A luta dos anarquistas sempre primou pela ação direta como meio de difundir suas ideias. Organizando sindicatos, greves e outras formas de luta dos trabalhadores, os anarquistas exerceram forte influência no movimento operário mundial até a década de 1920. Os principais expoentes do anarquismo nos séculos XIX e XX foram o francês **Pierre-Joseph Proudhon**, os russos **Mikhail Bakunin** e **Piotr Kropotkin** e a francesa **Louise Michel**. O termo “anarquia” vem do grego *anarchos*, que significa “sem governo”.

3.Aula 2 - A Comuna de Paris



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna_de_Paris

Entre 18 de março e 28 de maio de 1871, a capital francesa viveu a experiência da Comuna de Paris, considerada por Marx a primeira experiência socialista da história. O movimento teve à sua frente trabalhadores, teóricos socialistas de várias correntes e anarquistas. Essa experiência de governo teve origem a partir da crise agravada pela Guerra Franco-Prussiana. Desde setembro de 1870, as tropas prussianas cercavam a cidade de Paris. O povo, disposto a resistir, formou o Comitê da Guarda Nacional. Porém, a situação na cidade se tornou extremamente difícil: escassez de alimentos, epidemias e revoltas populares eram muito frequentes. Em janeiro de 1871, o governo republicano de Adolphe Thiers rendeu-se às tropas prussianas e entregou as armas aos inimigos. Em março de 1871, os populares de Paris e a Guarda Nacional, armada, tomaram as ruas, levantaram barricadas e forçaram os governantes a fugir. Dias depois nascia a Comuna de Paris.

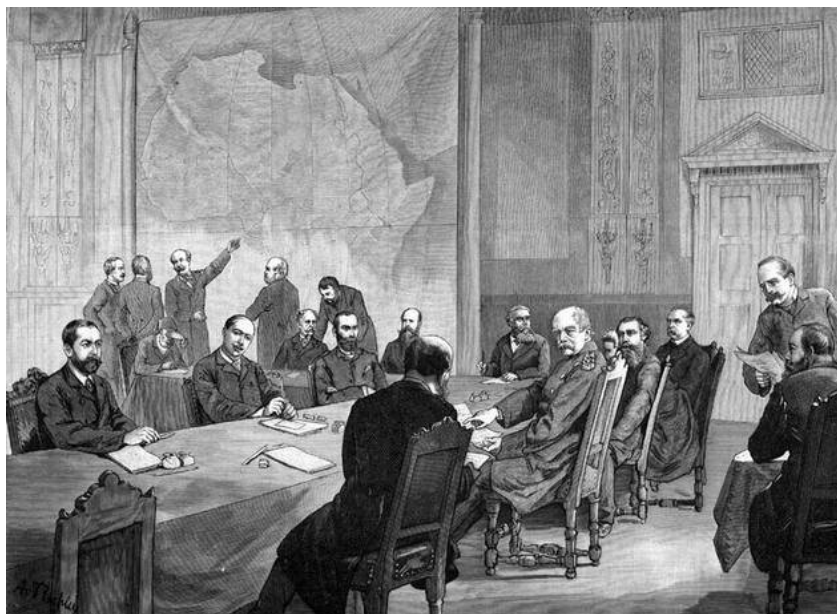
O governo da Comuna instituiu medidas de caráter socialista, como a tomada de decisões pela população em reuniões regulares e o congelamento dos preços de alimentos e dos aluguéis. Além disso, criou creches e escolas para os filhos dos trabalhadores e passou o comando das fábricas abandonadas para os operários. A ideia da igualdade entre homens e mulheres, pela primeira vez, foi colocada em ação. A Comuna de Paris, no entanto, foi destruída pelo exército francês com apoio das tropas prussianas. Entre 21 e 28 de maio de 1871, durante a chamada Semana Sangrenta, cerca de 20 mil membros da Comuna foram assassinados e outros 40 mil foram presos ou deportados para as colônias francesas. Após o fim da Comuna, uma reforma urbana destruiu os bairros onde foram levantadas as barricadas. A curta experiência da Comuna foi incorporada na memória coletiva dos trabalhadores como modelo de governo revolucionário e popular.

4.Aula 3 – Imperialismo no continente Africano

Até meados do século XIX, a presença dos europeus no continente africano se limitava a algumas feitorias e colônias posicionadas no litoral, geralmente em locais estratégicos para o comércio. Assim, a maior parte do continente encontrava-se sob o poder das sociedades africanas, governadas por reis, imperadores ou conselhos de anciões. Contudo, essa situação mudou a

partir dos últimos anos do século XIX. Em pouco tempo, quase toda a África (à exceção da Etiópia e da Libéria) passou a ser dominada pelas potências europeias, que investiam em uma nova expansão colonial, conhecida como neocolonialismo, ou seja, novo colonialismo. Esse conceito é utilizado para diferenciar a nova expansão colonial do século XIX da colonização do período das grandes navegações.

A nova expansão colonial foi motivada, principalmente, pelo interesse em superar a grave crise econômica que estourou em 1873 e perdurou até 1896. Essa crise havia sido provocada pela grande concorrência entre as potências industriais, que as levou a ampliar os investimentos em tecnologias para diminuir os custos de produção, reduzindo a oferta de empregos. A produção de mercadorias cresceu, mas o mercado consumidor, afetado pelo desemprego e pelos baixos salários, não foi capaz de absorvê-la, o que levou muitas empresas à falência. A saída encontrada pelos europeus foi conquistar novos mercados para os seus produtos, novas fontes de matérias-primas e áreas para investir capitais excedentes. Portanto, essa nova expansão colonial visava atender às demandas do capital industrial e financeiro, sendo a maior expressão do imperialismo.



Gravura Conferência de Berlim

Fonte: <https://operamundi.uol.com.br/hoje-na-historia/9977/hoje-na-historia-1885-conferencia-de-berlim-partilha-africa-entre-potencias-ocidentais>

A divisão dos territórios africanos entre as nações europeias aconteceu em 1884 e 1885, na **Conferência de Berlim**, em que se reuniram representantes de Grã-Bretanha, Alemanha, França, Portugal, Bélgica, entre outros países. A partir dessa data até o final do século XIX, cada uma dessas nações construiu o seu império colonial na África, obedecendo ao princípio de áreas de influência. Isso significava que, uma vez estabelecida no litoral de uma região, a nação estrangeira teria o direito de ocupar a zona do interior.

O domínio colonial exercido pelos países europeus na África não foi o mesmo em todo o continente, variando conforme os interesses do colonizador e as características do território colonizado. De maneira geral, foram aplicadas duas políticas coloniais: de **assimilação** e de **diferenciação**. A primeira, adotada pelos impérios **Português, Francês e Belga**, baseava-se no ensino da língua da metrópole, da religião, da moral cristã e do modo de vida europeu, procurando criar, entre os nativos, uma elite de colaboradores locais. Os **impérios Britânico e Alemão** adotaram a política de diferenciação. Os colonizadores recorriam a lideranças locais para cuidar da administração colonial, aproveitando os conflitos internos e as estruturas de poder que já existiam. Essas lideranças se tornavam representantes dos colonizadores e defendiam seus interesses nas áreas dominadas.

A entrada oficial da Grã-Bretanha no continente africano ocorreu em 1875, com a compra da parte egípcia do Canal de Suez. A outra parte desse canal continuou sendo propriedade da França. O Canal de Suez, inaugurado em 1869, tinha importância estratégica na região, pois ligava o Mar Vermelho ao Mar Mediterrâneo, facilitando a navegação e o comércio entre a África, a Ásia e a Europa. Buscando assegurar o seu domínio sobre o Canal e afastar a presença da França, os ingleses estabeleceram, em 1883, um protetorado no Egito. Em seguida, conquistaram os territórios que viriam a ser o Sudão egípcio, a Rodésia, a Nigéria e a África Oriental Britânica. Nas terras que correspondem hoje à África do Sul, os britânicos, interessados no ouro e nas pedras preciosas abundantes da região, empreenderam uma guerra contra os bôeres, descendentes de holandeses que colonizaram a região no século XVII. A guerra teve início em 1899 e durou até 1902, quando a Grã-Bretanha, vitoriosa, anexou o território aos seus domínios. Com isso, a Grã-Bretanha se consolidou como o maior império colonial na África.

Além do domínio sobre uma parte do Canal de Suez, a colonização francesa avançou para o interior da África, partindo de suas antigas feitorias situadas na costa atlântica. Entre os séculos XVI e XIX, a região tinha sido um verdadeiro armazém de negros escravizados. Partindo das feitorias situadas na Senegâmbia, região que compreende a bacia dos rios Senegal e Gâmbia, bem como acompanhando o curso do Rio Níger, os franceses formaram a África Ocidental Francesa. A esses domínios somavam-se a África Equatorial Francesa (atual Gabão e parte do Congo) e possessões no norte da África (Marrocos e Tunísia), além da Argélia, onde os franceses estavam estabelecidos desde 1830, e de Madagascar, conquistada em 1897.

A partir de suas antigas colônias de Angola e Moçambique, Portugal conquistou as terras que formaram a Guiné Portuguesa, na costa ocidental africana. Na região equatoriana, vizinha a Angola, grande parte da bacia do Rio Congo converteu-se numa espécie de propriedade particular do rei Leopoldo II, da Bélgica. O Estado alemão, mesmo entrando tardiamente na disputa colonial, obteve sua parte na divisão da África, conquistando territórios que deram origem às colônias do Togo e de Camarões, à África Oriental Alemã e ao Sudoeste Africano.

5. Aula 4 - A resistência africana ao imperialismo europeu

A expansão europeia na África a partir da Conferência de Berlim criou, no continente, duas realidades que se chocavam: de um lado, o poder tecnológico e militar das potências industrializadas indicava que sua vitória era certa; de outro, a reação dos povos africanos revelava que eles estavam determinados a resistir. As duas tendências se confirmaram: a resistência dos africanos e o triunfo dos colonizadores. Ao contrário do que afirmavam os defensores do colonialismo, os africanos não viam os europeus como libertadores ou como uma espécie de ponte para a modernidade e a civilização. Povos tradicionalmente rivais chegaram a se aproximar com o intuito de unir forças para derrotar o conquistador. É o que mostra esta mensagem, datada de 1904, enviada por Samuel Maherero, líder da resistência do povo herero, a um antigo inimigo:

“Meu desejo é que nós, nações fracas, nos levantemos contra os alemães [...]. Que a África inteira combata os alemães, e antes morrer juntos que em consequência de sevícias, de prisões ou de qualquer outra maneira.” In: BOAHEN, Albert Adu (Ed.). História geral da África: África sob dominação colonial, 1880-1935. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2011. v. 7. p. 57. (Coleção História geral da África)

O movimento de resistência do povo herero ocorreu no Sudoeste Africano Alemão, atual Namíbia. O governo alemão respondeu com brutal violência, em uma ação que é considerada o primeiro genocídio (extermínio deliberado, parcial ou total, de uma comunidade, grupo étnico, racial ou religioso) do século XX. Outros movimentos, como os da região dos atuais Egito, Somália e Sudão, além de expressar forte capacidade de organização, prolongaram-se por vários anos.

6. Aula 5 - Atividades

1 - Transformações no modo de produção ocorreram em diversos países europeus a partir do século XVIII. Sobre as relações de trabalho construídas com base na maneira capitalista de produzir, é correto afirmar:

- a) Os operários controlavam os meios de produção e recebiam um salário pelo seu trabalho
- b) As funções na cadeia de produção eram divididas, assim como os lucros e os prejuízos entre todos os participantes do processo, de forma igualitária
- c) A divisão das tarefas exigia qualificação profissional específica e dificultava o trabalho de jovens operários.
- d) A divisão de funções entre os trabalhadores provocou aumento da produção e do lucro

2 - Como podemos diferenciar o socialismo utópico do socialismo científico?

- a) O socialismo utópico defende a economia de mercado.
- b) O socialismo utópico não desenvolve condições materiais para a superação do capitalismo.
- c) O socialismo científico é o único a propor a criação de uma sociedade justa e igualitária.
- d) O socialismo científico constrói modelos de sociedades ideais presentes ou futuras que devem atuar como horizonte para as tomadas de decisão.

3 - "Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, membro de corporação e oficial-artesão, em síntese, opressores e oprimidos estiveram em constante oposição uns aos outros. Marx e Engels, Manifesto do Partido Comunista

Qual o motor da história para essa doutrina socialismo científico?

- a) acumulação primitiva
- b) contrato social
- c) direitos trabalhistas
- d) luta de classes

4 - Leia o trecho abaixo:

“Eis o seu verdadeiro segredo: a Comuna era, essencialmente, um governo da classe operária, fruto da luta da classe produtora contra a classe apropriadora, a forma política afinal descoberta para levar a cabo a emancipação econômica do trabalho. [...] Quando a Comuna de Paris tomou em suas próprias mãos a direção da revolução; quando, pela primeira vez na história, os simples operários se atreveram a violar o monopólio de governo de seus “superiores naturais” e, em circunstâncias extraordinariamente difíceis, realizaram seu trabalho de modo modesto, consciente e eficaz, com salários o mais alto dos quais representava uma quinta parte da soma que, segundo uma alta autoridade científica, é o vencimento mínimo do secretário de um conselho escolar de Londres, o velho mundo contorceu-se em convulsões de raiva ante o espetáculo da bandeira vermelha, símbolo da república do trabalho, ondeando sobre o Hôtel de Ville.”
Marx, K. A guerra civil na França. *Textos*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977. v. I, p. 201.

É possível perceber pelo trecho acima citado a importância que a Comuna de Paris teve para o movimento operário mundial, principalmente por ter sido a primeira experiência de um governo de trabalhadores. O fato que levou os trabalhadores de Paris a tomar o poder na cidade e instituir a Comuna, em 1871, foi:

- a) os altos índices de desemprego decorrentes da crise econômica que teve início em 1869.
- b) a derrota da França para a Inglaterra, na Guerra dos Sete Anos.
- c) a derrota de Napoleão na Batalha de Waterloo e a tentativa da aristocracia em restaurar o Antigo Regime.
- d) A derrota francesa na Guerra Franco-Prussiana e o cerco das tropas de Bismarck à capital francesa.

5 - No decorrer do século XIX, as grandes potências europeias lançaram-se à conquista colonial da África e da Ásia. Sobre a ocupação da África e suas consequência é incorreto afirmar:

- a) A violência em que se deu a colonização provocou grandes distorções nas estruturas econômicas, sociais e culturais dos territórios dominados. Intrigas

entre etnias foram estimuladas e antigos reinos destruídos, vencidos pela superioridade militar dos colonizadores.

b) Os europeus demarcaram fronteiras, confiscaram terras, forçaram grupos nômades a fixar-se em territórios específicos. Em consequência disso, os Estados africanos atuais, na sua maioria, não têm a mesma unidade cultural, linguística e social.

c) A ocupação do território africano destruiu estruturas tradicionais; a economia comunitária ou de subsistência foi totalmente desorganizada, pela introdução de cultivos e outras atividades, destinadas a atender exclusivamente às necessidades das metrópoles.

d) A ocupação europeia beneficiou o continente africano, pois possibilitou a inserção da África na economia capitalista mundial. Antes da colonização europeia, a economia africana restringia-se a suprir as necessidades básicas de sua população; assim, os africanos viviam sob condições de vida bastante atrasadas.

e) A ocupação das colônias criou sérios problemas (muitos ainda não resolvidos, mesmo na atualidade). Pode-se dizer que muitos dos conflitos étnicos que existem hoje na região são consequências da dominação colonial da África.

6 - Leia as primeiras duas estrofes do poema do poeta inglês Rudyard Kipling:

O fardo do Homem Branco (1899)

*Tomai o fardo do Homem Branco -/ Envia teus melhores filhos / Vão,
condenem seus filhos ao exílio / Para servirem aos seus cativos; / Para
esperar, com arreios / Com agitadores e selváticos / Seus cativos, servos
obstinados, / Metade demônio, metade criança.*

*Tomai o fardo do Homem Branco - / Continua pacientemente / Encubra-se o
terror ameaçador / E veja o espetáculo do orgulho; / Pela fala suave e simples /
Explicando centenas de vezes / Procura outro lucro / E outro ganho do
trabalho.*

O poema de Kipling é uma famosa ode ao Imperialismo, mas refere-se especificamente à:

a) Conferência de Berlim, que marcou a colaboração europeia na partição e regulamentação da ocupação e divisão territorial da África.

b) ocupação das Filipinas pelos Estados Unidos, que adquiriu as ilhas no Tratado de Paris ao fim da Guerra Hispano-Americana.

- c) Guerra Anglo-Zulu, quando após à etnia se insurgir contra os bôeres e portugueses, voltou-se contra os ingleses, ocasião em que foram finalmente derrotados.
- d) invasão da Argélia pela França, sob o pretexto de falta de respeito para com seu cônsul, domínio que perduraria mais de um século.
- e) colonização inglesa na Nigéria, sob comando da Royal Niger Company, empresa mercantil fretada pelo governo britânico.

7- (FGV-RJ) Entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885, representantes de países europeus, dos Estados Unidos e do Império Otomano participaram de negociações sobre o continente africano. O conjunto de reuniões, que ficou conhecido como a Conferência de Berlim, tratou da:

- a) incorporação da Libéria aos domínios norte-americanos, em troca do controle da África do Sul pela Inglaterra e Holanda.
- b) independência de Angola e Moçambique e da incorporação do Congo ao império ultramarino português.
- c) ocupação e do controle do território africano de acordo com os interesses das diversas potências representadas.
- d) condenação do regime do Apartheid estabelecido na África do Sul e denunciado pelo governo britânico.
- e) incorporação da Etiópia aos domínios italianos e à transformação do Egito em protetorado da Alemanha.

7. Resumo

Caro aluno, nestas Orientações de Estudos – 3º Bimestre de 2020, História – 2ª série, esperamos que você tenha tido, com este material, a possibilidade de compreender melhor as teorias sociais que estavam em voga na Europa do século XIX e quais os motivos que levaram as nações europeias a dividirem entre si o continente africano.

Esperamos que você tenha percebido que numa sociedade as ações estão articuladas e interferem umas nas outras. O estudo da História não deve ser estanque e trabalhado de forma desarticulada.

8.Considerações finais

Chegamos ao final de nossa proposta pedagógica. Fazemos um convite a você, aluno, que continue buscando novas formas de ampliar seu conhecimento. Querer aprender é fundamental para o sucesso de sua jornada. Ao longo desse material vários temas podem e devem ser aprofundados por você. Nos tempos atuais podemos ter acesso a várias ferramentas educacionais. Lance mão delas e continue avançando. Com certeza seu objetivo será atingido. Conte conosco!

9. Referências bibliográficas

AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. História em movimento: O mundo moderno e a sociedade contemporânea. Ensino médio. São Paulo: Ática, 2010

CANÊDO, Letícia Bicalho. A revolução industrial. São Paulo/Campinas: Atual/Editora

da Unicamp, 1991

HOBSBAWM, Eric J. A era das revoluções. 1789-1848. São Paulo: Paz e Terra, 2010

PELLEGRINI, Marco; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. Novo olhar história. Volume 2. São Paulo: FTD, 2010

<https://brasilecola.uol.com.br/>

<https://educacao.uol.com.br/>

<https://www.infoescola.com/>

<https://www.educamaisbrasil.com.br/>